

Avaliação nos Jogos Desportivos Coletivos

Honorato Sousa¹; Élvio Rúbio Gouveia^{1,2}

¹ Universidade da Madeira;

² Madeira Interactive Technologies Institute

Enquadramento da avaliação

A avaliação deve ser encarada como um instrumento ou ferramenta de trabalho que permite ao professor o controlo e avaliação da progressão e desenvolvimento do aluno consoante o seu processo de ensino-aprendizagem. Para tal, é necessário definir, previamente, critérios de êxito que sejam ajustados à realidade e que vão ao encontro das competências e/ou objetivos que tenham sido inicialmente propostos. Nesse sentido, durante o processo ensino-aprendizagem, é necessário avaliar as componentes motoras, sócio-afetivas e cognitivas. Portanto, para melhor potenciar a aprendizagem, ao longo das sessões de trabalho, devem ser efetuados registos regulares do desempenho dos alunos (avaliação de processo), que têm um papel determinante na condução do processo.

Fases da avaliação

A avaliação diagnóstica é realizada nas primeiras sessões, e assume um papel decisivo, pois possibilita a identificação do nível em que se encontram os alunos, permitindo assim a construção de situações ensino-aprendizagem adequadas às reais necessidades dos alunos.

A avaliação formativa, como já reforçado anteriormente, vai permitir ao professor avaliar os resultados alcançados pelos seus alunos, ao longo de cada sessão, permitindo a este, uma avaliação mais micro, refletindo-se num acompanhamento mais minucioso da evolução/progressão dos alunos. É a avaliação de processo, que gera automaticamente informações entre as sessões de trabalho, que permitem um ajuste constante dos conteúdos. Este tipo de avaliação vai permitir adaptar a estratégia, ou inclusive alterar caso não esteja a obter resultados positivos, tendo em conta os objetivos planeados.

Finalmente, é importante estabelecer “milestones” que, no contexto escolar, define-se por avaliação sumativa. Este tipo de avaliação ocorre no final de uma unidade de ensino e visa averiguar se os objetivos previamente delineados, tendo por base a informação recolhida pelas avaliações diagnósticas, foram alcançados, bem como apurar se ocorreram progressões e desenvolvimentos dos níveis iniciais dos alunos no que diz respeito aos domínios estabelecidos. Tem a particularidade de complementar a avaliação formativa, realizada ao longo das sessões de trabalho, solidificando as observações e as informações retiradas desse mesmo tipo de avaliação. Normalmente, este tipo de avaliação é negligenciado, principalmente no contexto de treino. Contudo, permite orientar o professor, bem como o aluno no seu processo de aprendizagem.

A realidade escolar

O nível de proficiência das turmas no contexto escolar em relação à temática do Futebol varia imenso. Na escola é possível encontrar alunos que apresentam um nível de proficiência elevado, bem como alunos com incapacidades várias, principalmente ao nível do entendimento da dinâmica de jogo, nomeadamente os princípios de jogo ofensivos e defensivos (que são comuns às restantes temáticas coletivas). Estas dificuldades incidem sobretudo na realização das ações táctico-técnicas e tomadas de decisão, essencialmente naquelas em que envolvam movimentação e ocupação racional e estratégica do espaço de jogo, bem como no entendimento do cariz de reversibilidade das ações/funções que as temáticas coletivas apresentam. Para além destes aspetos mais conotados com a vertente táctica-técnica da prática da modalidade, existem enormes dificuldades em termos da componente de interação, quer com os companheiros de equipa, como também com os adversários, relevando uma enorme incapacidade para atingir os objetivos do jogo, bem como uma falta de intencionalidade nas ações/interações grupais.

Em relação aos aspetos relacionados com a técnica individual e relação com o objeto de jogo, as insuficiências são acentuadas, nomeadamente em relação ao passe e a receção. No entanto as questões de ordem táctica-estratégica, cultura de jogo e saber jogar são mais importantes do que essa componente, pois a partir do momento em que desenvolvem exercícios que incidam mais sobre os aspetos

em causa, a componente técnica nunca pode ser dissociada das ações tático-estratégicas e, por consequência, também está a ser desenvolvida de forma contextualizada.

Da nossa experiência, as principais insuficiências registadas nos desportos coletivos encontram-se na ordem da movimentação e da ocupação do espaço de jogo de forma racional e estratégica, tendo em conta os companheiros de equipa, adversários, objeto de jogo e alvo. Essencialmente a maioria dos alunos denota uma fraca perceção da importância do jogo sem bola, aglomerando-se ou junto do objeto de jogo ou do alvo, tornando as zonas de ação de jogo muito densas e confusas.

O que observar

A avaliação nos Jogos Desportivos Coletivos deve estar mais centrada na dinâmica de jogo ou na componente estratégica e não tanto nos aspetos técnicos da modalidade. Entendemos que é muito mais importante avaliar a compreensão tática, bem como a capacidade do aluno selecionar e aplicar as habilidades técnicas mais corretas à situação, do que classificar elementos técnicos de forma isolada. É, portanto, necessário, constituir instrumentos que avaliem a capacidade de jogo em jogo. Ou seja, avaliar a habilidade para resolver problemas táticos, tomar decisões, movimentar-se apropriadamente e executar eficientemente as ações tático-técnicas.

Referências Bibliográficas

Bayer, C. (1994): O ensino dos desportos colectivos. Lisboa: Col. Desporto. Ed. Dinalivro.

Griffin, L., & Butler, J. (2005). *Teaching Games for Understanding: Theory, Research, and Practice*. Champaign, IL: Human Kinetics Publishers

Mesquita, I. (2005). A pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos coletivos. Lisboa: Livros Horizonte.

Mitchel S.A., Oslin L.J., & Griffin L.L. (2013). *Teaching Sport Concepts and Skills. A Tactical Games Approach for Ages 7 to 18*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Oslin, J.L., Mitchell, S.A., & Griffin, L.L. (1998) The game performance assessment instrument (GPAI): development and preliminary validation. *Journal of Teaching in Physical Education*, 17(2):231–243.